

3

Edição
2013.2

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório
da Faculdade
de Comunicação
da UFBA



Foto: Natiana Ribeiro | LabFoto

UFBA oferece 14 cursos de extensão sobre diferentes modalidades de danças

COMUNIDADE • PÁGINA 8

Extensão fortalece cultura de
comunidades através da memória

COTIDIANO • PÁGINA 10

Estudantes da UFBA falam das
dificuldades de encontrar moradia

COTIDIANO • PÁGINA 12

Projetos sustentáveis na
Creche UFBA

PARA NÃO SE PERDER...

ARTES CÊNICAS
PÁG. 03 E 04

ACERVO
PÁG. 05

DIVERSIDADE
PÁG. 06 E 07

COMUNIDADE
PÁG. 08 E 09

COTIDIANO
PÁG. 10

ACERVO
PÁG. 11

COTIDIANO
PÁG. 12

BIOLOGIA
PÁG. 13

DANÇA
PÁG. 14

ARTE
PÁG. 15

CONTRACAPA
PÁG. 16

EDITORIAL



Foto: Naiana Ribeiro | LabFoto

Para dançar tango não precisa viajar ao país hermano! Cursos de extensão ensinam esses e outros passos. Estudantes relatam vicissitudes da vida longe de casa, após ingressar na universidade e decidir onde e com quem morar na capital. Ação curricular na comunidade de Santo Amaro mobiliza estudantes para além da sala de aula. Nem drama, nem tragédia. O que os jovens da UFBA gostam fazer é comédia. Para isso, nada melhor que aproveitar os talentos locais e gerar conteúdo original. A distribuição pela web garante milhares de acessos e boas risadas. Confira o que dois grupos baianos fazem pra nos divertir, e bem barato. Boa leitura!

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
(Semestre 2013.2) - Terceira edição, ano 2013

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Editores: Antonio Fernando Barros, Bruno Rubeiz, Marina Baruch, Michele Vivas, Sonia Rauédys e Ygor Bahia

Edição de fotografia: Milena Abreu

Projeto Gráfico: Amanda Carrilho e Gabriel Cayres / Eudfba

Diagramação: Matheus Ferreira / Eudfba

Repórteres (turma 2013.2):

Ailma Teixeira, Alana Caiusca, Anderson Ramos, Antonio Fernando Barros, Bruna Andrade, Bruno Rubeiz, Caíque Bouzas, Camila Fiuza, Danilo Pestana, Diogo Costa, Fernanda Nery, Gabriela Cirqueira, Isadora Sodré, Jéssica Alves, Karen Monteiro, Layla Neiva, Mariana Sales, Mariana

Trindade, Marília Campos, Marina Baruch, Michelle Vivas, Milena Abreu, Naira Diniz, Natália Arjones, Sonia Rauédys, Suely Alves, Thaís Ribeiro, Thamires Santos, Vilma Martins e Ygor Bahia

Fotografos

Naiana Ribeiro-LabFoto, Taylla de Paula-LabFoto, Daniele Rodrigues-LabFoto

Contato: jornaldafacom2013@gmail.com

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição Gratuita

[f facebook.com/jornaldafacom](https://www.facebook.com/jornaldafacom)

Novos formatos de comédia são produzidos por amadores e profissionais

Curta-metragem e o stand up comedy ganham versões baianas que vêm chamando a atenção do público.

Michelle Vivas

Milena Abreu

Personagens travestidos, piadas clichês e atuações exageradas: essa é a receita de peças de sucesso em Salvador. Essas apresentações estão sempre cheias. As temporadas começam e terminam com os mesmos elementos. Nessas peças, os atores incorporam personagens extravagantes e fazem humor exagerado sobre os acontecimentos da cidade. Para ampliar as opções do gênero, uma nova geração de artistas apresenta diferentes tipos de humor. Exemplos da ascensão desses formatos são representados pelo stand up comedy e os curta metragens.

O grupo de stand up comedy Comédia de Novo é formado por Diego Barreto, estudante de Jornalismo da Facom, Thiago Banha, aluno do BI de Humanidades da UFBA e Lucas Carasek, de Publicidade e Propaganda. No início, o grupo tentava reproduzir seus ídolos do stand up comedy e, hoje, cria a sua própria marca na comédia. Tiago Banha relembra

que conheceu o formato por meio de filmes da Sessão da Tarde e se inspirou na estrela do stand up Chris Rock, ator e símbolo do estilo americano de comédia.

Além do stand up comedy, outro formato crescente no mercado baiano é o das web séries da produtora +1! Filmes. A cada semana, vídeos de humor são lançados em seu canal no YouTube, reunindo, desde 2010, mais de 4,5 milhões de visualizações. Por trás do canal, há toda uma equipe trabalhando em curtas metragens profissionais.

A +1! Filmes foi criada por profissionais da área audiovisual e atores formados na Escola de Teatro da UFBA, que começaram a gravar curtas para concorrer em festivais. Apesar do investimento em outros gêneros, como o drama, o de maior audiência e aceitação foram os vídeos de humor. O primeiro deles, intitulado "Oxe, e se fosse na Bahia?", trouxe reconhecimento para a produtora. O canal tem

repercussão principalmente no Brasil, mas, a maior parte do público está na Bahia. Hoje os quatro amigos são sócios-donos e trabalham exclusivamente para a produtora.



"As pessoas não têm o costume de ir para o teatro, mas, pior do que isso, os artistas baianos ainda não sabem 'se vender'"

Moara Rocha



Formação

No começo, muitos bares não contratavam o Comédia de Novo. É arriscado trocar uma atração que dá retorno garantido, como bandas famosas e de gêneros comerciais, por algo novo. "Há um monopólio de atrações", explica Diego Barreto. "Por



Equipe +1! Filmes

Divulgação



Grupo de Stand upcomedy
Comédia de Novo

exemplo, na época do São João, por que iriam contratar comédia se um produtor pode fazer shows?”. Para Moara Rocha, uma das sócias do +1! Filmes, o problema da Bahia é cultural. “As pessoas não têm o costume de consumir o teatro, mas, pior do que isso, os artistas baianos ainda não sabem ‘se vender’”, opinou. Ela acredita que não há cultura de teatro na Bahia e existem poucos incentivos para isso.

Diferente da +1! Filmes, na qual a única forma de promoção são as redes sociais, o grupo Comédia de Novo não utiliza da internet para divulgação. Segundo Diego Barreto, por meio de entrevistas em programas de rádio e do boca a boca, as apresentações ficam cheias. Quanto à gravação dos shows, eles são contra. “Alguém sempre pede as apresentações inteiras no YouTube, mas é claro que não vamos disponibilizar. Saia do computador e vá pagar o nosso show!”.

O sucesso dos vídeos da +1! Filmes contribuiu financeiramente para o crescimento do grupo. Com a contratação para fazer vídeos comerciais e com o patrocínio do YouTube, a produtora consegue pagar os atores e os gastos. “Hoje as pessoas nos pedem

para participar do nosso vídeo”, Moara brinca. Ela é formada em Artes Cênicas na UFBA e revela que adquiriu uma maior estabilidade financeira com a produtora do que vivendo de cachê.

Após identificar uma possível piada, eles anotam. Na hora de escrever o roteiro, juntam as anotações e estruturam a apresentação

Roteiro

Os vídeos do grupo são inspirados no dia a dia dos envolvidos. Moara diz que, mesmo com um roteirista, há sempre improvisação. Ela acrescenta que, diferentemente do teatro, onde você pode sempre melhorar o texto na próxima apresentação, nos vídeos existe apenas um único momento para fazer perfeito. “Depois que gravamos, pensamos em elementos que poderíamos ter acrescentado para o vídeo ficar ainda mais engraçado”.

No grupo de stand up, a inspiração são os eventos da vida dos participantes. Eles apresentam os três tipos de humor característicos do stand upcomedy: o que é baseado em contar histórias de vida, o texto com análises sobre acontecimentos cotidianos e aquele em que o comediante critica notícias. Após identificar uma possível piada, eles anotam. Na hora de escrever o roteiro, juntam as anotações e estruturam a apresentação. As mudanças no texto são feitas antes de entrarem no palco. A improvisação acontece só quando o comediante testa piadas novas ou quando o público conversa, o que é raro. Diego Barreto diz que o público deles não quer interação. “Stand upcomedy não é teatro. Não há interação com o público”, revela Tiago Banha.

A pérola negra da UFBA

Museu Afro-Brasileiro da UFBA mantém vivo o legado do patrimônio africano no Brasil há mais de 30 anos

Bruno Rubeiz
Mariana Sales

Ao passear por entre as ruas do Pelourinho e circular pelo Terreiro de Jesus, é inevitável não se atentar ao imenso prédio de paredes rosadas e arquitetura tipicamente colonial da Faculdade de Medicina da Bahia, primeira do Brasil. Para muitos ali pode ser apenas um “templo do saber médico e da ciência no Brasil”, porém não é só da medicina que vive este prédio. Desde 1982, funciona ali o Museu Afro-Brasileiro da UFBA, espaço de preservação e divulgação do acervo cultural afro-brasileiro. O Mafro é pouco conhecido dentro da comunidade da UFBA. Tímido, ele muitas vezes passa despercebido, já que não existem placas ou sinalizações externas visíveis que indiquem sua presença ao visitante casual. Porém, o museu esconde seus tesouros sabiamente. Suas possesões chegam a mais de incríveis 1100 peças, todas estas pertencentes à tribos e nações africanas do

passado, que contam com o museu para manter a chama de suas culturas e tradições acesa. De lanças, espadas, cerâmicas, estátuas, a até um pequeno tabuleiro do jogo Ayô, os grandes salões do museu guardam aspectos variados das inúmeras tribos cuja memória ele preserva. E além da cultura material africana, o Mafro possui, armazenada na reserva técnica, uma coleção inteira dedicada à capoeira, e outra aos blocos afros, composta por artefatos ligados ao carnaval afro-baiano: abadás, fantasias, estandartes e mortalhas que pertenceram a blocos e afoxés.

Num de seus espaços, o Mafro reserva uma experiência especial. Localizado no fundo do museu, ao entrar neste salão logo percebemos que estamos sendo observados por grandes figuras. Em tábuas de madeiras de 3 metros de altura vemos os Painéis dos Orixás, 27 deles reunidos sob o en-

talhe do mestre Carybé. O visitante ao sentar-se no meio do salão, vê-se completamente rodeado pelas divindades, como se tivesse sido convocado para uma congregação espiritual. O museu surgiu a partir de um Programa de Cooperação Cultural entre países da África e o Brasil, em especial a Bahia, para o desenvolvimento dos estudos voltados para a questão da herança africana no contexto histórico e cultural brasileiro. O Pelourinho foi, portanto, o local ideal para que o museu se instalasse há 31 anos. Patrimônio da Humanidade, o Pelourinho possui papel fundamental na história do país, além de ser palco de uma efervescente cultura negra baiana.



Legenda

OXALUFAN

YEMANJÁ

IYÁ

IANSAN

OXUM

OXUMARÉ

Daniele Rodrigues | Labfoto

Diversidade Sexual na ordem do dia

Grupo de pesquisa na UFBA une produção de conhecimento sobre sexualidade com ativismo político

Antonio Fernando Barros

“A história foi contada por muitos anos através das mesmas pessoas, da mentalidade colonial que insiste e lateja ainda hoje. Nosso desejo é o de ajudar a mudar esse quadro, passando em revista essa história e empoderando novos sujeitos. Queremos uma sociedade menos ‘macha’, menos branca”. Assim o professor Djalma Thurler define o objetivo do grupo Cultura e Sexualidade (CUS) da UFBA. Coordenado por ele e pelo professor Leandro Colling, o grupo une estudantes, mestrandos e doutorandos de diferentes cursos em torno de temas como sexualidade, gênero, identidade sexual e diversidade.

Conhecimento como ativismo

Atento a todos os assuntos que envolvem o seu universo de atuação, o grupo conta com um site chamado Políticas do CUS, onde há informações sobre os projetos que desenvolve e notícias relacionadas à diversidade sexual. Na página, estão disponíveis para consulta e download diversos artigos publicados pelos integrantes do grupo sobre mídia e diversidade sexual, homofobia, educação e sexualidade, entre outros temas. Alguns dos membros do CUS também escrevem textos mais curtos sobre

cultura e sexualidade para um canal do site Ibahia.

Um dos coordenadores do grupo, Leandro Colling faz um balanço positivo da existência do CUS e avalia que existem muitos desafios a serem enfrentados. “Os desafios são vários: aumentar a produção acadêmica com qualidade, oferecer cursos de especialização ou de curta duração para quem desejar ou precisa ampliar seus conhecimentos nessa área das sexualidades e gêneros, formar uma rede de pesquisadores latino-americanos na área, intervir mais politicamente em várias instâncias e, quem sabe um dia, deixar de ser apenas um grupo para ser algo maior”, revela.

Fazer pesquisa nesse campo é também fazer política, uma outra forma de ativismo que também gera impactos concretos na sociedade

Utilizando a produção de conhecimento como forma de ativismo, o CUS tem procurado se alinhar com diferentes movimentos e iniciativas de promoção da igualdade e combate ao preconceito sexual ou de gênero. “Hoje temos uma boa relação, de co-

laboração com vários coletivos e grupos que lutam pelo fim da homo-lesbo-transfobia. Mas o nosso foco continua sendo a pesquisa e a produção de conhecimento nessa área porque entendemos ser aí onde podemos colaborar mais, pois ainda falta produção disponível para esses temas. Entendemos, desde o início, que fazer pesquisa nesse campo é também fazer política, uma outra forma de ativismo que também gera impactos concretos na sociedade”, explica Colling.

Expandindo fronteiras

Participante do grupo desde 2011, Fábio Fernandes, mestrando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, considera que a existência do CUS é importante e contribui para mostrar como as pesquisas em sexualidade são realizadas e como podem resultar em ações concretas e mudanças sociais. “A ideia é ampliar cada vez mais para fora dos muros da academia: estamos em processo de produção de um documentário para narrar a história da primeira associação de pessoas trans da cidade de Salvador e também formular um projeto voltado para esse



Leandro Colling, do grupo Cultura e Sexualidades (CUS)

Um mergulho na Teoria Queer

Expressão recorrente entre os membros do grupo, a teoria queer compreende estudos desenvolvidos a partir da década de 80 por uma série de pesquisadores e ativistas, nos Estados Unidos, com a finalidade de mostrar que a orientação sexual e identidades de gênero dos indivíduos não seguem um curso natural, mas são antes de tudo uma construção social. Influenciada pelo pensamento do filósofo francês Michel Foucault, autor do clássico A história da sexualidade, a teoria queer tenta mostrar o caráter diverso da natureza humana e suas múltiplas possibilidades de papéis, comportamentos e identidades sexuais. As filósofas norte-americanas Eve Sedgwick e Judith Butler são nomes importantes destes estudos e influenciaram o trabalho de várias gerações de pesquisadores. No Brasil, nesta área, destacam-se o sociólogo Richard Miskolci e a doutora em educação Guacira Lopes Louro.



Djalma Thurler é coordenador do CUS

grupo, com o objetivo de incluí-las na universidade e na sociedade como um todo, haja vista a violenta exclusão diária que essas pessoas sofrem”, informa.

Recentemente o grupo se manifestou em relação a ato considerado discriminatório no Shopping Barra, onde 21 funcionárias deste centro de compras fizeram um abaixo assinado para impedir que uma travesti, funcionária de uma lanchonete no mesmo shopping, continuasse usando o banheiro feminino. Em nota pública, o CUS repudiou o abaixo assinado chamando a atenção sobre a dificuldade da inserção de pessoas trans no mercado de trabalho e a necessidade de respeitar a existência de diferentes identidades de gênero.

Queremos uma sociedade menos 'macha', menos branca

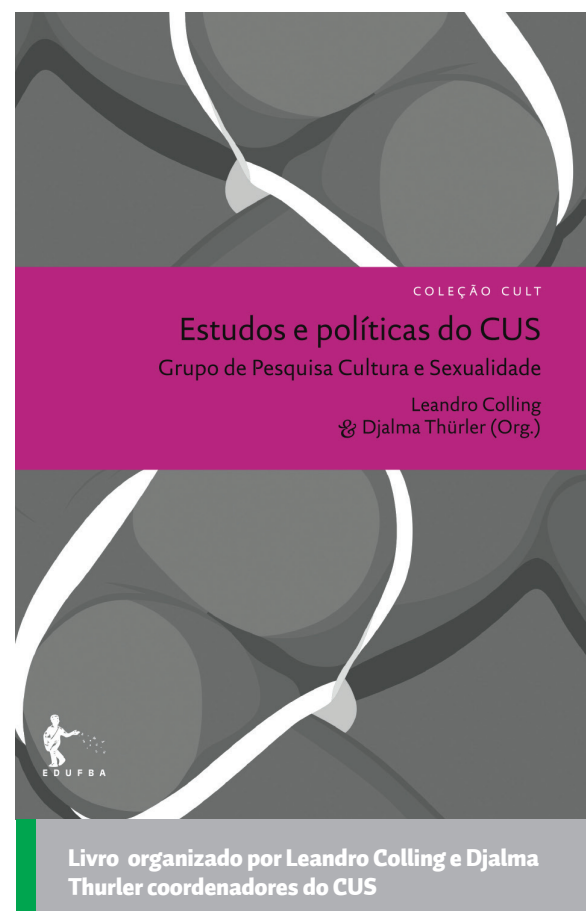
Caminhos e possibilidades

O grupo surgiu em 2007, na Faculdade de Comunicação, com pesquisas voltadas para os estudos da representação de personagens que fogem ao padrão heterossexual em telenovelas da Rede Globo. Dois anos depois, com a criação do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC, o grupo ampliou sua atuação para outras áreas de conhecimento e assumiu uma perspectiva interdisciplinar.

Ao longo desse tempo, desenvolveu projetos que incentivam uma reflexão sobre a sexualidade, como cursos de extensão sobre teoria queer, corrente teórica que, entre outras coisas, reflete sobre a imposição da heterossexualidade como a única orientação sexual possível entre as pessoas. Em 2013, o grupo lançou pela EDUFBA o livro Estudos e políticas do CUS, uma coletânea de 14 textos escritos a partir de pesquisas realizadas pelos seus integrantes. Uma revista acadêmica chamada Periódicus também está entre os projetos do grupo, com o primeiro número previsto para circular até o final do primeiro semestre deste ano.

Vai lá

- <http://www.politicasdocus.com>
- <http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade>



Livro organizado por Leandro Colling e Djalma Thurler coordenadores do CUS

ACCS atua na valorização da memória em comunidades de Santo Amaro

Projeto de extensão Memória Social Audiovisual e Identidades realiza atividades de capacitação e registro de saberes

Fernanda Nery
Marina Baruch

Com o intuito de fomentar o uso da memória social como ferramenta de transformação social, a Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) Memória Social Audiovisual e Identidades aproxima estudantes da atuação em comunidades. O projeto foi idealizado pelo professor José Roberto Severino em 2010, através de visitas a comunidades do Recôncavo Baiano onde a oralidade é um fator imprescindível para a cultura local.

Em 2011 o projeto foi concretizado, com a proposta de fazer com que jovens das comunidades se apropriassem dos saberes do seu município a partir do audiovisual. O trabalho do grupo se concentra no município de Santo Amaro, através de visitas de campo com frequência quinzenal. De acordo com o professor Severino, o diálogo com as escolas foi uma importante estratégia de aproximação com a população local.

“

“A gente leva um pouco do nosso conhecimento acadêmico, mas as pessoas de lá também nos oferecem um conhecimento enorme, que é o do cotidiano delas”

Suely Alves, estudante de jornalismo e integrante do grupo.

”

Além das oficinas e cursos oferecidos, Severino destaca ainda outras atividades que o grupo desenvolve, como a parceria com a Casa do Samba. “A Casa do Samba é um lugar de memória. O samba de roda no Recôncavo Baiano foi tombado como patrimônio imaterial mas ele tem uma dimensão física, que é essa casa. Nos interessava saber que tipo de políticas essa instituição tinha para essa dimensão do patrimônio imaterial que é transmitido também pela oralidade. Então começamos a entender a dinâmica da casa e fizemos um diagnóstico para eles, identificando as principais dificuldades”, explica.

A partir das atividades em campo, ficou clara a necessidade de enxergar os saberes das comuni-

dades como patrimônios, que muitas vezes ficavam esquecidos e não recebiam o devido valor. Para além do registro audiovisual, as atividades do grupo originaram um acervo importante para a região. Parte da biblioteca comunitária da Fundação Dom Avelar foi utilizada pelo grupo para a criação de um banco de memória composto pelas entrevistas realizadas pelos alunos. A partir delas, foi produzido o documentário “Acupe Terra Quente”, que foi destaque da programação cultural do IX Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, o Enecult, que se reúne todo ano em Salvador.

Ao longo dos últimos anos, a grande demanda exigida pelas atividades e o crescente interesse dos discentes no projeto, fizeram com que o grupo recebesse mais alunos de outras unidades da UFBA, como museologia, música, história, sociologia,

psicologia e antropologia. No entanto, a maioria é composta por alunos da Facom, dos cursos de jornalismo, produção e cinema, através do IHAC. Neste semestre, devido ao trabalho com os museus e documentos sobre as comunidades, o grupo passou a ter mais alunos do curso de arquivologia.

A perspectiva interdisciplinar é a marca do projeto, de modo que alunos de áreas diferentes podem interagir entre si e intervir nas comunidades, contribuindo com seus conhecimentos e vivências. Para Suely Alves, estudante do sexto semestre de jornalismo, a experiência no grupo ajudou a despertar o interesse por trabalhos comunitários. “Depois que eu comecei a fazer [a ACCS], comecei a me interessar pela proposta e pelo trabalho que a equipe realiza na comunidade. Essa foi a minha primeira



Integrantes do ACCS Memória Social Audiovisual e Identidades, em Santo Amaro

Divulgação

Experiência em comunidades, mas já estou pleiteando uma vaga de monitora em outra disciplina que também lida com essa vertente comunitária”, revela.

De acordo com a estudante, o trabalho do grupo é importante para não perder de vista a troca de saberes inerentes à integração entre a universidade e a população do município.

“Eu vi que é importante tentar ajudar as pessoas dentro daquilo que elas já fazem, não é chegar e mudar o hábito delas. Eu acho que o principal aprendizado disso tudo é a cultura, porque você percebe que não existe cultura melhor ou pior, nem superior ou inferior, e sim culturas diferentes. A gente leva um pouco do nosso conhecimento acadêmico, mas as pessoas de lá também nos oferecem um conhecimento enorme, que é o do cotidiano delas”, pontua Suely.

Para o professor Severino, todos saem ganhando com a experiência. Segundo ele, o aluno que participa de uma atividade de extensão deste tipo se diferencia dos demais por não ter uma visão tão restrita das suas possibilidades dentro da profissão. Já no caso da academia, os maiores benefícios seriam as novas reflexões incitadas a partir da realidade estudada.

Ampliação

Com a experiência proporcionada pela ACCS, o programa de capacitação Audiovisual em Escolas de Comunidades Tradicionais da Bahia foi criado em 2012. A proposta é ampliar o alcance dos trabalhos desenvolvidos no projeto, se estendendo às escolas que têm interesse na atividade audiovisual, para contribuir com a sua utilização na educação pública. O grupo estabeleceu uma metodologia de formação em audiovisual para professores e jovens das redes municipais e estaduais de ensino para ser difundido nas escolas do estado. Através do programa, muitos materiais já foram produzidos em parceria com o Instituto Anísio Teixeira e com o Coletivo de Audiovisual do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT).

A partir das atividades em campo, ficou clara a necessidade de enxergar os saberes das comunidades como patrimônios, que muitas vezes ficavam esquecidos e não recebiam o devido valor.



Professor Jose Roberto Severino

Divulgação



Divulgação

Passei na UFBA! E agora? Onde vou morar?

Além de comemorar a conquista de ingressar numa universidade pública, estudantes se deparam com o desafio de encontrar um lugar para morar

Danilo Pestana
Suely Alves

Quem já prestou vestibular sabe que para se sair bem na prova são necessários muitos meses de estudo e sacrifícios pessoais. Quando o resultado é satisfatório, o estudante comemora essa conquista e se prepara para viver uma nova etapa em sua vida. Para alguns estudantes, a alegria vem misturada com o desafio de encontrar um lugar para morar. São alunos que deixam seus lares para cursar a graduação em universidades de outras cidades.

Esse é o caso de muitos estudantes que ingressam na Universidade Federal da Bahia (UFBA), vindos do interior baiano e até mesmo de outros estados e países. Quando saiu de Vitória da Conquista (BA) para cursar Instrumento na Escola de Música da UFBA, Ronaldo Silva, não sabia onde morar em Salvador nem tinha parentes na cidade. Nos primeiros semestres da faculdade, Ronaldo residiu numa casa de apoio, mantida por um partido político, e com o pouco dinheiro que tinha se alimentava uma vez ao dia. “Morava com muitas pessoas que compartilhavam da mesma situação que eu. Além de estudar, era preciso ajudar nas tarefas domésticas. Mas, sabia que não poderia viver daquela forma por muito tempo”. Após um ano, Ronaldo buscou apoio junto à PROAE – Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil. Por se enquadrar nos critérios da PROAE, o estudante passou a receber uma bolsa auxílio de R\$ 550 e fazer duas refeições no restaurante universitário. Com esse orçamento, Ronaldo divide um apartamento com mais dois colegas. “Estou aprendendo a conviver com pessoas diferentes e a lidar bem com isso. Mesmo com as atividades da faculdade, sinto falta de minha família e da minha privacidade”, revela o jovem. Mas, Ronaldo não se arrepende da escolha que fez. “Dei o primeiro passo para realização do meu sonho”.

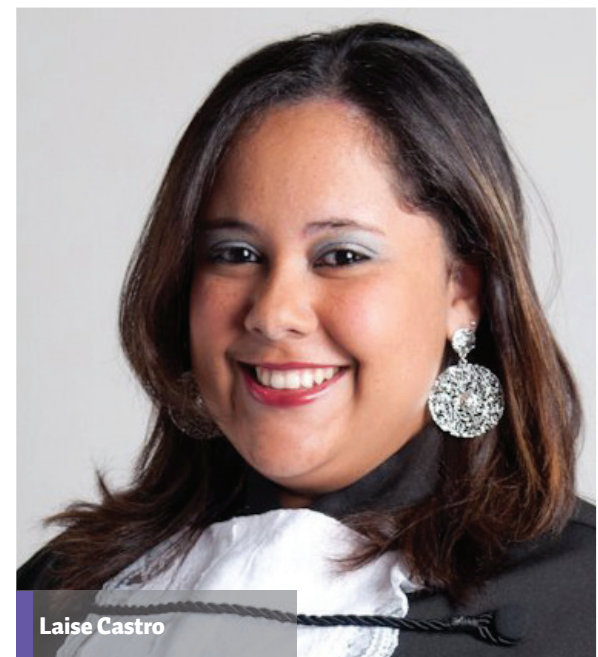
A residência universitária é mais uma opção encontrada por jovens que chegam a Salvador sem saber onde morar. Atualmente a UFBA disponibiliza quatro residências, localizadas nos bairros da Vitória, Canela e Garibaldi. Para se candidatar a uma vaga, o estudante também precisa se dirigir à PROAE e passar por um processo seletivo – avalia-



Micaela Moitinho

ção de documentos e entrevistas com assistentes sociais. Avaliado como estudante em situação de vulnerabilidade social, o aluno é encaminhado para uma das residências, onde irá conviver em comunidade, aprender a dividir espaços, como lavanderia e quartos, e a lidar com diferenças pessoais e culturais.

Micaela Moitinho, 24, natural de Irecê (BA), foi uma das estudantes selecionadas para morar nas residências. Formada pelo curso de Psicologia, Micaela morou quatro anos, tempo de conclusão do curso, na Residência 3, no bairro do Canela. Ela admite que foi período suficiente para fazer amizades e suportar a saudade dos familiares. “No início foi difícil dividir os espaços com pessoas tão diferentes. Não estava acostumada a isso. Porém, você percebe que são estudantes como você, com os mesmos obstáculos para superar. Então, resolvemos nos unir e nos ajudar”, declara. A estrutura das residências universitárias – água, luz, internet – é mantida pela UFBA e os próprios alunos encontram maneiras de se organizar e conviver pacificamente uns com os outros. Assim, surgiu a ideia das comissões, grupos que cuidam de respectivos assuntos em comum na casa. “Temos comissões que cuidam das regras dos espaços, da manutenção dos equipamentos eletrônicos, da conservação da estrutura, etc”, explica Micaela. As demandas dos estudantes são passadas diretamente para a PROAE.



Laíse Castro

Ainda há estudantes que não se adequam aos critérios da PROAE e precisam encontrar alternativas para ficar na capital baiana. Essa é a história de Laíse Castro, 25 anos, natural de Cruz das Almas (BA). A produtora cultural alugou apartamentos em diferentes bairros da cidade e dividiu as despesas domésticas com amigas. Ela contou com ajuda financeira da família e de bolsas de estágios. “Por não contar com o apoio da universidade, meus pais tiveram que fazer muitos sacrifícios para me manter aqui durante todo o curso. Ainda contei com a sorte de encontrar amigos que toparam morar comigo e dividir as despesas”, conta Laíse. Depois de formada, a jovem se estabilizou no mercado de trabalho e pôde colher os frutos dos desafios vencidos. “Hoje posso visitar minha família com frequência e matar as saudades de verdade”.

Nem todos os estudantes que ingressam na UFBA são contemplados com os serviços disponibilizados pela PROAE. Nesse caso, é preciso contar com o apoio da família e de amigos para concluir a graduação.

Por que ter um Repositório Institucional

Produção acadêmica se expande para fora da Universidade e é disponibilizada gratuitamente na internet

Bruna Andrade
Camila Fiuzza

Além de disponibilizar num único domínio virtual de acesso aberto e gratuito a produção científica, acadêmica, cultural e artística da Universidade Federal da Bahia, o Repositório Institucional (RI) é uma forma de prestação de serviço à sociedade que a financia e a acolhe, deixando à sua disposição uma parte importante do resultado do trabalho da Universidade. Para Marcelo Embiruçu, Pró-Reitor de Pesquisa, Criação e Inovação (PROP-CI), o Repositório Institucional da UFBA é importante tanto para a comunidade da universidade como para o público externo. “Através do RI um artigo publicado em um periódico científico pode ser encontrado com uma razoável facilidade. Esta produção está ao alcance de toda a comunidade

científica mundial, de maneira que é uma forma da comunidade da UFBA dar maior alcance, visibilidade, penetração e impacto à sua produção, inclusive internacionalmente”, diz Embiruçu.

Rute Santos, estudante de Letras da Faculdade de Tecnologia e Ciências considera o RI de suma importância para o aprendizado do seu curso, que é à distância: “Sempre que preciso ler algum livro ou tese de dissertação, pesquiso no RI da UFBA. Acho importante essa disseminação de conhecimento na internet. Para nós, alunos de outras faculdades, saber como são produzidas essas pesquisas na UFBA tem um grande significado para o nosso desenvolvimento crítico e intelectual”, frisa a estudante do 5º semestre de Letras. Já para a aluna de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia, Isa Santos, o Repositório Institucional é também uma forma de guardar os materiais desenvolvidos pelos estudantes em um local seguro, além de dar maior visibilidade aos projetos dos alunos e docentes.

Implantado em 2010, o RI acolhe mais de 12.000 itens entre artigos científicos, teses, dissertações, TCCs, livros com texto completo, entre outras produções. Desenvolvido com base no software aberto DSpace, o repositório se alinha às recomendações governamentais sobre a utilização de software livre, diminuindo o ônus de licenciamento e agrega-se ao grande contingente de usuários do DSpace, composto por instituições mundialmente reconhecidas.

Em 2011, o RI\UFBA ganhou o 1º lugar em uma premiação feita pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), como repositório de maior número de artigos.

“O RI está disponível para a comunidade da universidade e para o público externo, que financia a Universidade, verificando e se apropriando desta parte de seu investimento”.

REPOSITÓRIO Institucional | **UFBA**
Universidade Federal da Bahia

Navegar RI UFBA >

- Sobre o RI UFBA
- Saiba mais
- Comunidades e coleções
- Data do documento
- Autor
- Título
- Assunto
- Tipo de documento

Entrar em:

- Receber atualizações por e-mail
- Meu espaço
- Editar perfil

Busca Facetada

Autor

- ICI-UFBA - Projeto "Elementos... (1009) Barreto, Maurício Lima (152)
- ICI-UFBA - Projeto "Elementos... (141) Paim, Jairnilson Silva (93)
- Andrade, Jailson B. de (68)
- Carvalho, Edgar M. (53)
- Rangel, Maria do Carmo (48)
- Melo, Ailton (46)
- ICI-UFBA - Projeto "Elementos... (45) Silva, A. Ferreira da (43)

Assunto

- Educação (222)
- Saude publica (135)
- Brasil (122)

Repositório Institucional (RI) da UFBA

O RI tem como objetivo reunir num único local virtual o conjunto da produção científica e acadêmica da Universidade Federal da Bahia, contribuindo para ampliar a visibilidade da Instituição e dos seus pesquisadores, bem como o impacto da investigação, além da preservação da memória intelectual, seja na área das artes, das ciências ou humanidades.

Clique em [Sobre o RI](#), para verificar nossas orientações de uso.

ATENÇÃO

Para depositar sua produção envie um email para repositorio@ufba.br informando sua vinculação com a UFBA para liberação do acesso.

Antes de depositar um item no RI, realize uma busca para verificar se o mesmo já foi depositado. Consulte também o [SE/HERPA/RoMEO](#), para saber as modalidades de permissões e questões de direito autoral.

NAO DEIXE DE ACESSAR

Alerta do RI que divulga semanalmente a produção acadêmica da UFBA.

Criado em 2010, o Repositório Institucional da UFBA (RI) é utilizado como modelo para diversas instituições e objeto de pesquisa de teses, dissertações e monografias.

Buscar

UFBA para menores

Com programas nutricionais e práticas sustentáveis Creche UFBA possui grande demanda para poucas vagas

Alana Caiusca
Jéssica Alves

Com uma filosofia pedagógica que incentiva atividades como pintura, resgata brincadeiras próprias da infância e estimula hábitos alimentares saudáveis, Creche UFBA enfrenta problemas estruturais como falta de espaço e locações inadequadas, poucas vagas e insuficiência de recursos.

De acordo com Sônia Maria Alê, atual coordenadora da creche, é preciso ampliar o quadro de vagas porque a demanda é grande, mas não existe uma estrutura imobiliária adequada. “Nunca foi feita uma construção para a criação de uma creche. Sempre funcionamos em locais adaptados, em superintendências antigas”, revela.

Fundada em 19 de setembro de 1983, inicialmente no local onde funcionava a Escola de Dança, atualmente possui um espaço físico próprio e atende 61 crianças com idades que variam de quatro meses de idade aos três anos e onze meses.

No último semestre, filhos de estudantes de graduação, pós-graduação *stricto sensu* e servidores da UFBA concorreram às 28 vagas distribuídas nos quatro níveis existentes na creche: berçário, grupo I, grupo II e grupo III.

Reciclando hábitos

Além de desenvolver atividades educativas, a creche possui um espaço voltado para a educação nutricional chamado Horta da creche, implantado em 2011 pelo setor de nutrição. Neste local, as crianças plantam frutas, verduras e fazem projetos de reciclagem com garrafas pets e caixas de papelão.

Maria Helena Gonçalves, coordenadora do setor de nutrição, lembra que a ideia surgiu em 2006, mas só foi concretizada cinco anos depois, em 2011, por conta da falta de estrutura e de colaborações.



“Essa horta foi possível graças à colaboração de um engenheiro com mestrado em resíduos sólidos, quem assessorou sobre o aproveitamento dos adubos e compostagem orgânicas”, explica.

Envolvida no processo de educação nutricional das crianças, Gabriela Santos é estagiária da creche há três anos. Em 2013 ganhou um prêmio no XV Encontro Regional de Estudantes de Nutrição na Universidade Federal do Pará, com o trabalho intitulado “Educação alimentar e nutricional para pré-escolares da Creche UFBA”, onde relata o desenvolvimento de técnicas de educação nutricional e o estímulo de hábitos alimentares adequados para as crianças atendidas pela creche. Além disso, o trabalho promove boas práticas de produção e distribuição dos alimentos junto aos pais, funcionários do setor de nutrição e as auxiliares da creche.

Os alimentos plantados são retirados pelas crianças e aproveitados pela cozinha da creche. “Tudo que brota do solo aproveitamos e utilizamos na cozinha. Certa vez, algumas hortaliças [encomendadas para creche] demoraram de chegar e recolhemos na horta”, exemplifica Maria Helena Gonçalves. A coordenadora afirma que o envolvimento das crianças na plantação e no cultivo da horta é um ponto importante do processo de aprendizagem, ao aproximá-las desde cedo às temáticas relacionadas a educação ambiental e nutricional.

Falta transparência nos critérios de seleção

Da redação

Segundo o Edital Creche n. 005/2013, da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil - PROAE, a seleção para filhos e filhas de estudantes é realizada através de estudo socioeconômico, fundamentado por entrevista e análise dos documentos apresentados. A renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio é um dos critérios utilizados na seleção. O documento afirma que “da capacidade total de vagas, os servidores terão assegurada uma vaga por turno em cada grupo, sendo priorizados aqueles com menor renda per capita”. Dentre todos os servidores docentes e funcionários, apenas uma nova vaga foi reservada nesse edital, priorizando-se “aqueles com menor renda per capita”.

A norma que regulamenta o funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas à Administração Pública Federal (como é o caso da creche) é a resolução No 1, de 10 Março de 2011, do Conselho Nacional de Educação, que estabelece que as mesmas devem “oferecer igualdade de condições para o acesso e a permanência de todas as crianças na faixa etária que se propõem a atender”. Muitas universidades adotaram o ingresso por sorteio público, que garante lisura e critérios objetivos para o acesso a esse serviço. Consultada a Proae sobre os procedimentos em tal sentido, e sobre o detalhamento dos critérios de admissão de filhos e filhas de servidores e docentes, até o fechamento da edição não obtivemos resposta.

Instituto de Biologia ganha nova casa de vegetação

Local funciona como uma estufa e abriga mudas de espécies nativas para experimentos

Mariana Trindade
Marília Campos

Difícil passar pela portaria 01 do campus de Ondina e não notar uma enorme estrutura branca montada ao lado do Restaurante Universitário da UFBA. Instalada desde novembro de 2013, a casa de vegetação - como ela é chamada - é uma estufa que abriga hortaliças e mudas de espécies ornamentais e nativas da Bahia. O local funciona como laboratório externo que abriga os projetos e experimentos dos alunos orientados pelas professoras Sheila Resende e Maria Aparecida Oliveira, ambas do Instituto de Biologia (IBIO) e o professor Vagner Leite da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (MEV).

Quando iniciada a reforma da Praça das Artes, no campus de Ondina, a antiga casa de vegetação do IBIO foi demolida sob a promessa que a universidade financiaria outra. Com o fim desta estrutura, os alunos e professores passaram a cultivar suas mudas no telhado do prédio do Instituto de Biologia. Hoje, a nova e incipiente estufa está passando por adaptações e regulamentação - que inclui a criação de um manual de uso - e uma melhor organização.

A estufa não é de uso exclusivo do Instituto de Biologia, ela está disponível para qualquer pesqui-

sador da UFBA voltado para a área, desde que haja espaço disponível. O acesso à casa de vegetação acontece mediante a assinatura de um termo de compromisso sobre os cuidados a serem tomados. Além disso, é preciso preencher um formulário que registra qual atividade será realizada no dia e qual o docente responsável. Este controle é necessário para a manutenção da qualidade sanitária do local, evitando a entrada de pragas e doenças, como também para respeitar a autonomia dos projetos de cada docente. O cenário interno principal é composto por seis mesas de metal e uma antecâmara, que possui uma torneira para higienização. A climatização do ambiente é feita por dois ventiladores e uma placa de refrigeração. Duas manutenções fazem parte da prática do lugar: uma é a capinagem da área ao redor da estufa - que deve ser promovida pela Prefeitura de Campus - e a outra é a limpeza quinzenal da caixa d'água anexada à estrutura, que é realizada pelos próprios alunos do projeto. No entanto, o acesso à estufa deve ser diário, pois como se trata de material vegetal vivo, estes precisam de, no mínimo, uma rega por dia, incluindo sábados, domingos e feriados.

Mateus Santos, participante do Laboratório

de Sementes e Desenvolvimento Vegetal (LASED) - ministrado Prof.^a Sheila Resende - fala sobre a importância do projeto para a sua vida. "O projeto me proporciona aprendizado técnico sobre coleta e armazenamento de sementes e principalmente o aprofundamento nos conhecimentos sobre botânica com uma ênfase maior no entendimento da fisiologia das plantas. Além do aprimoramento da escrita científica e leitura".

A estufa foi financiada pela UFBA através de uma licitação realizada em Junho em 2013. A empresa ganhadora ficou a cargo da instalação pelo valor de R\$ 80.000.

A estufa não é de uso exclusivo do Instituto de Biologia, ela está disponível para qualquer pesquisador da UFBA voltado para a área, desde que haja espaço disponível



A dança é para todos

Núcleo de Extensão e Apoio à Pesquisa da Escola de Dança promove cursos especiais de dança durante o verão

Gabriela Cirqueira
Karen Monteiro

Dicionários da língua portuguesa definem a palavra "dança" apenas como uma série ritmada de gestos e passos. A bióloga Shayanne Rocha entende a dança como sua terapia. Há dois anos, descobriu pela internet que a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA) oferecia um curso de tango e resolveu participar. "Posso abrir mão de tudo, menos das minhas aulas de tango, são esses os momentos que eu tenho para relaxar", afirma. Shayanne frequenta a atividade ministrada pela professora Faustina Piñeyrúa, uruguaia, que chegou ao Brasil há cerca de seis anos e acabou se formando na Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB).

As aulas de tango integram a grade dos 14 cursos oferecidos pelo Núcleo de Extensão e Apoio à Pesquisa da Escola de Dança da UFBA, a primeira a implantar o curso superior de dança no Brasil. Os cursos custam entre 50 e 100 reais. O único curso gratuito oferecido pela Escola é o "Dança para Todos", que ensina diversas modalidades de dança.

Após mais de 40 anos afastada dos estudos, a estudante de Dança Ana Lúcia Oliveira, de 67 anos de idade, regressou à Escola novamente em 2010. "Depois de ter feito tudo na minha vida, resolvi que precisava voltar a dançar. Dancei durante muitos anos no grupo de Dança Contemporânea da Escola, por todo o Brasil. Fiz vestibular e estou concluindo o curso neste semestre", revela. Ela é quem acompanha a professora Tânia Bispo no curso "Dança para Todos" e assumiu, como estagiária, o comando da turma.

Segundo Ana Lúcia, a principal proposta do grupo é promover o autoconhecimento, onde as pessoas podem trabalhar a própria percepção através de um trabalho de interioridade e de busca para descobrir o seu próprio movimento. "No fim de cada aula, sentamos com os alunos para conversar sobre o que cada um sentiu durante a dança. Não temos a pretensão de formar dançarinos profissionais, trazemos uma dança livre, como um trabalho de autoconhecimento", afirma.

A oferta de cursos vai de ritmos populares como forró e ballet até a dança flamenca, afro e dança do ventre. Mesmo idealizado como atividade de verão, a procura do público garantiu a criação de novas turmas até o fim do ano letivo, para modalidades como a dança do ventre. Praticante

há três semanas, e sem nenhum contato anterior com dança, a estudante Miria Moraes resolveu se arriscar. "A dança do ventre é mais simples do que pensava, com ela otimizei um tempo que perdia aos sábados pela manhã para aprender algo que sempre me interessou. Saio das aulas me sentindo uma 'odalisca', tenho vontade de chegar em casa e treinar todos os passos que aprendo durante as aulas", conta a estudante.

Os cursos oferecidos pela UFBA são abertos à população, sem restrições de idades ou tipos físicos. A docente Faustina acredita que os baianos ainda são resistentes em aprender uma dança estrangeira, como o tango. "Criou-se uma ideia de que o tango é uma dança difícil, cheia de pernas altas e piruetas. Na verdade, é bastante popular no Uruguai e na Argentina, assim como o forró é aqui no Brasil, e todo mundo consegue arriscar uns passos", defende.

A principal reclamação das professoras e de suas alunas é a ausência masculina nas aulas de danças. "Pouquíssimos homens frequentam as atividades. Na maior parte do tempo temos que fazer par com outra garota. Consegui convencer meu namorado a participar do curso, então sempre tenho com quem dançar. De vez em quando até empresto ele para as outras colegas", brinca Shayanne.

Serviço

- Dança para todos: Terças e quintas das 8h30 às 10h, na Sala 4. Gratuito

- Aulas de tango: Segundas e quartas, das 12 às 13h30, na Sala 4. Valor: R\$ 100,00

- Dança do ventre: Sábados, das 8h às 10h ou 10h às 12h, na Sala 10. Valor: R\$ 80,00

Informações sobre outros cursos através dos telefones 3283-6576 ou 9272-8781 e e-mail npextensao.ufba@gmail.com



Professora Paola Vasquez e aluna, na dança do ventre



Aula de Tango na Escola de Dança da UFBA com a professora Faustina

Memórias daqui e d'aquí

Entre Salvador e Portugal, colagens e graffitis, Anderson AC constrói narrativas passadas, mas ainda presentes

Ailma Teixeira
Ygor Souza

Enquanto circulava pelo corredor do segundo andar da Facom, num intervalo entre uma atividade e outra, a professora Maria Carmem Jacob se deteve diante de uma das pilastras que ligam o chão ao teto. Examinou atentamente o que via, deslizou os dedos sobre a superfície de quase um metro de largura e, depois de algum tempo, seguiu em frente. A atitude seria estranha se o bloco de concreto cinza não tivesse ganhado uma nova aparência há cerca de quatro meses. A mudança consiste num mosaico verde e dourado com fundo preto e um pássaro que atende pelo curioso apelido de “sofrê”, - um *Icterus jamacaii*, tal seu nome científico - pousado sobre ele. O responsável pelo objeto de admiração da docente é Anderson AC (nome artístico de Anderson Alves Cunha), artista, aluno de Artes Plásticas da Escola de Belas Artes (EBA) da UFBA.

Sua primeira formação artística, porém, aconteceu ainda durante a infância, por volta dos 12 anos. No bairro Cidade Nova, onde cresceu, ocorriam frequentes encontros e apresentações de bandas de música punk que também faziam intervenções nas paredes das ruas, fator determinante para a predominância do graffiti em sua obra. Anderson admite que, desde pequeno, já desenvolvia uma aptidão artística maior do que as crianças à sua volta. Essa relação, por assim dizer, lúdica, resultou num contato mais intuitivo e experimental, traço típico da infância.

A maturidade pessoal e profissional transformou uma relação que era lúdica numa consciência mais ampla do papel da arte. O caráter engajado e mais explicitamente político do graffiti foi um dos elementos que o atraiu ao estilo. “Gosto da relação de intervir diretamente no espaço coletivo levando meus questionamentos para o grande público, me colocando existencialmente no mundo”, diz. Foi com essa consciência que ele decidiu difundir sua obra na universidade, sendo a Faculdade de Comunicação o primeiro local escolhido. Ele aspira a criar um espaço de diálogo entre a EBA e a Facom, unindo a produção artística à produção cultural. O artista diz que também pretende deixar trabalhos seus em outros departamentos da universidade.

O ambiente além UFBA, contudo, está devidamente explorado: ele já apresentou seus trabalhos em Portugal, Angola, Espanha e, em território tupiniquim, São Paulo. A obra de Anderson tem como



Foto cedida por Anderson AC

fio condutor a reconstrução da sua história familiar e de suas raízes afro-lusitanas. Nada mais natural, então, que a sua participação em mostras em Luanda e Porto. Para o artista, não há diferença entre expor no Brasil ou qualquer outro lugar, sendo qualquer exibição fruto de meses de dedicação. A desigualdade, acredita, está no público: “Aqui não existe valorização da arte como em outros lugares, como São Paulo e Lisboa. Nesses locais as pessoas crescem com a cultura de apreciar a arte, diferente de Salvador”.

Essa revisitação ao passado e o culto às raízes é uma característica evidente no projeto em que Anderson reconstruiu seu álbum de família nos muros de Salvador. Não só com o graffiti, mas também com colagens e pinturas, reforçando sua habilidade de transição entre diversas linguagens. A exposição “A Busca”, cujo processo criativo teve início pouco antes da morte de seu irmão, é descrita como um cruzamento de informações, de rastreamento da memória ancestral. Ele diz ser “uma construção de narrativas, vivências poéticas, um trabalho baseado na construção de uma trilha que apesar de você buscar, você nunca sabe onde vai chegar”. Essa ideia é explicitada na série apresentada em Montemor-o-novo, cidade portuguesa, que foi inteiramente desenvolvida durante sua estadia no país.

Na outra mostra da qual participou em solo lusitano, Anderson teve que abrir mão do caráter mais subjetivo de uma exibição individual: tratava-se da II Bienal de Arte de Milheirós. Sobre as exposições coletivas, ele admite - sem demonstrar

preferência - que são como um diálogo entre o trabalho de cada artista, enquanto as individuais são o resultado de uma pesquisa visual, sua “defesa de tese imagética, o nascimento de um filho caçula”, descreve.

Quanto ao nascimento do seu primeiro “filho” (ou, melhor dizendo, graffiti), Anderson não se recorda exatamente quando aconteceu: “O primeiro eu não lembro ao certo, porque antes o graffiti estava muito associado à pixação, e ainda é assim. Se você vê um desenho feito com apenas uma lata de spray, isso não é considerado graffiti, e sim pixação”. Por outro lado, os muros entre os gêneros artísticos tendem a ser derrubados, e ele ressalta o papel da formação acadêmica para o desenvolvimento dessa sensibilidade no artista: “A universidade de um modo maior precisa entender seu papel no século XXI e com a EBA não é diferente”.

Essa multidisciplinaridade não é apenas importante entre áreas distintas da academia, mas principalmente entre as diferentes expressões artísticas. Por isso, Anderson não atribui uma posição privilegiada ao graffiti. Sendo um artista visual, trabalha com diversas linguagens bidimensionais como o vídeo, a fotografia, a pintura. “Sacralizo a criatividade e a necessidade de utilizar essas ou outras vertentes para despertar os questionamentos que desejo”. A estratégia parece estar funcionando. Ao saber que o JF publicaria um perfil do artista, a professora Maria Carmem disse, sem esconder o entusiasmo: “Pode dizer pra ele que ele tem uma fã”.

Alunos, professores e violões em apresentações para além das fronteiras acadêmicas

O professor Robson Barreto relata as experiências como coordenador da orquestra de violões da UFBA



Grupo da Orquestra de Violões na biblioteca da UFBA em 2013

Vilma Martins
Thais Ribeiro

O diretor da Escola de Música e falou sobre o espaço que eles tinham para apresentações. Ai, nós da orquestra, fizemos uma parceria com a Câmara que disponibilizou o teatro e algumas datas para a gente se apresentar. Essas apresentações foram gratuitas. Tocamos também na abertura de um evento nacional, o Encontro de Procuradores Federais, que aconteceu no Museu de Arte Sacra da Bahia, a convite da reitora Dora Leal, no ano passado.

JF: Qual a média de alunos que participam? São só alunos ou professores, convidados também podem participar?

Participam da orquestra quatorze alunos e seis professores, mas nem sempre todos podem estar presentes nas apresentações. Conseguimos com o diretor que uma parte da carga horária dos técnicos fosse exclusiva para a orquestra. Normalmente quando termina seu curso de graduação o aluno sai da orquestra, então precisamos de pessoas efetivas. A maioria dos alunos estava terminando a disciplina, mas queriam continuar na orquestra, principalmente depois que a ela passou a ter visibilidade. Além do mais, pretendemos criar um projeto de extensão com os alunos que vão se formando.

JF: Então, outros alunos da UFBA podem participar do projeto? Como está acontecendo essa expansão?

Qualquer pessoa da UFBA pode se inscrever, com tanto que toque violão, que tenha conhecimento com a técnica do instrumento. Será feito um teste de aptidão para analisar o nível do aluno. Temos alguns bolsistas que já participam da orquestra através do [Programa de Bolsas] Permanecer e

do [Programa de bolsas] PIBIC. Com eles só fazemos um trabalho de pesquisa das obras. Também apresentamos um projeto na Secretaria de Cultura da Bahia [Secult] para circular com a orquestra por Salvador e cidades vizinhas.

Além de Salvador, tem esse tipo de orquestra em São Paulo, Gramado, Curitiba

JF: Que tipo de interpretação vocês fazem? São músicas originais, alguém compõe para a orquestra?

Fazemos arranjos de outras orquestras originais, não tiramos nada delas. Nossa orquestra tem violões suficientes para a gente aproveitar tudo. Começamos a fazer concertos que são executados com a orquestra sinfônica da UFBA ou com a orquestra de cordas Neojiba (Programa de Formação de Núcleos de Orquestras e Corais Infanto-juvenis do Estado da Bahia). Fizemos a orquestra de Vivaldi (compositor e músico italiano do século XVII) depois passamos a fazer orquestra de Villa Lobos

“Qualquer pessoa da UFBA pode se inscrever como forma de projeto de extensão, com tanto que toque violão, que tenha conhecimento com a técnica do instrumento”

(maestro e compositor brasileiro) que é mais complexa, e que tem vários instrumentos e desafios, Friedrich Händel (compositor alemão também do século XVII) e em seguida a orquestra de Francisco Mignone (pianista e compositor erudito brasileiro)

JF: Quais as perspectivas para esse ano? Qual o próximo evento?

Para esse ano temos um projeto de interpretar mais composições de Vivaldi e lançar o CD da orquestra, com os concertos de Händel, de Francisco Mignone, de Villa Lobos e do concerto com composição do professor Pedro Dias, que ganhou no ano passado o concurso Fernando Burgos de Composição, nome em homenagem ao professor de composição da Escola de Música já falecido. Em junho o CD deve ser lançado, porque no momento ainda está passando pelo processo de edição, feita com parceria privadas, mas com financiamento da UFBA.